

Coleção Primeiros Passos

- O que é Arte — *Jorge Coli*
- O que é Literatura — *Marisa Lajolo*
- O que é Poesia — *Fernando Paixão*
- O que é Poesia Marginal — *Glauco Mattoso*

Coleção Encanto Radical

- André Breton — A Transparência do Sonho — *José Geraldo Couto*
- Cruz e Souza — O Negro Branco — *Paulo Leminski*
- Jesus — a.C. — *Paulo Leminski*
- Manuel Bandeira — Beco e Alumbramento — *Júlio Castañon Guimarães*
- Matsuo Bashô — A Lágrima do Peixe — *Paulo Leminski*
- Vinícius de Moraes — A Fala da Paixão — *Geraldo Carneiro*

Coleção Cantadas Literárias

- Caprichos & Relaxos — *Paulo Leminski*
- Drops de Abril — Poemas — *Chacal*
- Encontro — Poemas — *Lupe Cotrin*
- As Folhas das Folhas de Relva — *Walt Whitman*
- A Teus Pés — *Ana Cristina César*

Augusto de Campos

Paul Valéry: A serpente e o pensar

◎ A SERPENTE ◎ E O PENSAR

A *imagem da serpente percorre, obsessiva, a obra de Valéry e, de certo modo, a emblemática. Em La Jeune Parque (1917), ela se insinua como projeção da sensualidade — “a serpente interior”, como a denomina Edmée de La Rochefoucauld¹: “J’y suivais un serpent qui venait de me mordre”. Mas é repelida em prol da imagem dúplice da Jo-venem Parca, irmã-matriz de um torturado monólogo poético do Eu com a consciência de si mesmo. Já em Ebauche d’un Serpent (1921), revestida da simbologia bíblica, a Serpente ressurgue, maiúscula — não mais “un serpent”, mas “Le Serpent” —, assumindo o papel de protagonista. Antropomorfizada em satã-pensamento, é a própria Serpente que agora monologa, no cenário mítico do Jardim do Éden. O poeta se apropria de sua imagem, utilizando o “topos” da tentação de Eva para um mergulho no*

¹ Edmée de La Rochefoucauld, Paul Valéry, Éditions Universitaires, Paris, 1934, pág. 34.

universo falaz dos sentidos, através da erotização da linguagem, e os personagens do apólogo religioso para um questionamento implacável da existência, que recobre o arquétipo ingênuo da fábula com a reflexão irônica e amarga sobre o Ser e o Nada.

Nos Cahiers — a secreta aventura intelectual que ocupou a mente de Valéry, de 1894 a 1945 — são numerosas as aparições da serpente-intelecto, "o diabólico chicote de víboras das idéias", que perturba a vigília do pensador. Desdobrada em variantes conceituais, a Serpente é, aqui, essencialmente, a figuração do pensamento levado às últimas consequências, o pensamento que se devora a si mesmo, como a serpente que morde a própria cauda — uma imagem que Valéry chega a usar em uma de suas divisas principais: "Je morde ce que je puis" (Eu mordo o que posso). É conhecido, também, o emblema, desenhado pelo próprio Valéry, da serpente enlaçando uma chave, com as iniciais PV. Os Cahiers estão recheados de desenhos, esboços e esquemas em que aparecem serpentes que se devoram, algumas vezes associadas a figuras geométricas e a reflexões de cunho científico. Não é curioso que o químico alemão F. A. Kekulé, o descobridor da fórmula da estrutura molecular do benzeno — uma corrente de 6 átomos de carbono, fechando-se em anel —, tenha afirmado haver-la vislumbrado num sonho em que viu uma serpente comendo a própria cauda?²

² Carl G. Jung, *Man and His Symbols*, Dell Publishing Co. Inc., New York, 1964, págs. 25-26. David Coxhead and Susan Hillier, *Dreams, Visions of the Night*, Thames & Hudson, London, s/d, págs. 16 e 86.

A Serpente é, pois, acima de tudo, na simbólica valertiana, o ícone do pensar — uma atividade que ele tentou conduzir aos limites extremos: "Acostumar-se a pensar como Serpente (pensar en Serpent) que se come pela cauda. Pois aí está toda a questão. Eu 'contenho' o que me 'contém'. E eu sou sucessivamente continente e conteúdo". Esse texto, que se encontra num de seus últimos cadernos — à pág. 417 do volume XXVIII —, é datado de 1944, um ano antes de sua morte. Uma Serpente que está sempre presente, e que, nas derradeiras anotações que escreveu, o poeta pressente reerguer-se dentro dele, mais viva do que nunca, a "morder o seu coração e a moer, entre as espiras, o seu peito" (Cahiers, 1945, vol. XXIX, pág. 838). Impotência e infinito.

Há quem afirme ser a serpente, desde a Antiguidade, um símbolo da sabedoria, como o indicaria o nome grego ophis (serpente), um quase-anagrama de sophia (sabedoria)³. Eu me pergunto se Valéry não teria consciência de que a palavra pensar é um palíndromo silábico de serpent. Já vimos essas duas palavras associadas à imagem da víbora que devora a própria cauda, no primeiro excerto citado. Em outro texto ainda — embora nele não se inscreva a palavra serpent — o seu espelho palindrômico, penser, vem acoplado ao desenho da cobra que se devora e às imagens de curvas terminando em setas com movimentos contrários: "se parler, c'est penser

³ Luc Benoit, *Signes, Symboles et Mythes*, Presses Universitaires de France, Paris, 1975, pág. 93.

◎ ESBOÇO ◎ DE UM ESBOÇO

Iniciado em 1916 e publicado, em primeira versão, na *Nouvelle Revue Française*, n.º 94, de julho de 1921 (págs. 5 a 17), o poema "Ébauche d'un Serpent" (Esboço de uma Serpente) reapareceu, em 1922, em edição autônoma. Valéry intitulou-o então "Le Serpent" (NRF, Gallimard). No mesmo ano, passou o poema a figurar na coletânea *Œuvres*, com o título original, que afinal veio a prevalecer.

Foi um dos 335 exemplares de "Le Serpent", na edição Gallimard, que Joyce recebeu de Valéry, em Paris, com uma dedicatória especial. Sob a sua assinatura o poeta desenhara, em torno do título impresso, uma serpente mordendo a própria cauda, com a divisa "Je mords ce que je puis" (Eu mordo o que posso).¹ Joyce parece ter tido uma estima parti-

¹ *Bernart Gheerbrant*, James Joyce — Sa Vie, Son Œuvre, Son Rayonnement (*Catálogo comentado da biblioteca pessoal de*

cular pelo poema. Em suas memórias da famosa livraria "Shakespeare and Company", Sylvia Beach relembra que, em 1936, numa das sessões literárias por ela promovida para angariar fundos, Valéry leu, "at Joyce's special request", o poema "Le Serpent".² Eliot também o apreciava.³

Robert Monestier assim resume a temática do poema, dedicado a Henri Ghéon, "poeta e dramaturgo que se convertera ao catolicismo": "Valéry parte de um mito bíblico — o Demônio, sob a forma de uma serpente, que ele reveste, segundo a Gênese, no Jardim do Éden, censura a Criação, porque ela é um erro de Deus, um "defeito na pureza do Não-Ser"; ela destrói a eternidade e a unidade de Deus. Ele odeia o homem e o perverte, insinuando-lhe o Orgulho, para vingar-se do Criador. Com júbilo amargo, rememora como seduziu Eva. E desafia a Árvore do Conhecimento a dar outra coisa que não sejam frutos de morte..."⁴

Para Pierre-Olivier Walzer,⁵ a obra — toda ela, com exceção de cinco versos, constituída pelo

Joyce), *La Hune*, Paris, 1949. O livro de Valéry está catalogado sob o n.º 578.

² Sylvia Beach, Shakespeare and Company, *University of Nebraska Press*, Lincoln and London, 1980, pág. 210.

³ Segundo anota William York Tindall (Forces in Modern British Literature, Alfred A. Knopf, New York, 1947, pág. 273), Eliot escreveu um prefácio para a tradução de Mark Wardle de "Le Serpent". O texto se intitula "A Brief Introduction to the Method of Paul Valéry". A edição, de apenas 525 exemplares, foi publicada em Londres por R. Cobden-Canderson, em 1924.

⁴ Charnes, *Nouveaux Classiques Larousse* — edição organizada por Robert Monestier, Librairie Larousse, Paris, 1973, pág. 83.

⁵ Pierre-Olivier Walzer, *La Poésie de Valéry*, Pierre Collet Édition, Genève, 1953, págs. 302 e segs.

monólogo da Serpente — se divide em três grandes partes: julgamento das obras de Deus (I-XII); recordação da queda da primeira mulher (XIII-XXVII); invocação à Árvore do Conhecimento e conclusão (XXVIII-XXXI). Os números romanos correspondem às estrofes, não numeradas no poema.

Conforme assinala o mesmo autor, "o que pretendeu o poeta foi realizar uma peça num tom totalmente novo, perpetuamente sarcástico na primeira parte, muitas vezes suave na segunda, servindo-se de todos os artifícios da palavra, refinamentos, cortes e suspensões, alusões, trocadilhos, repetições, alterações, tropos, imagens, disparates, todos os recursos em que o Sedutor é grande mestre. Seu monólogo passa por todos os estágios da voz humana, da ternura à cólera, do desafio à hipocrisia, da eloquência à persuasão, da tristeza ao orgulho, do grito à argumentação, numa ironia quase contínua. Deste ponto de vista, é o mais rico poema de *Charnes*".

Em sua minuciosa análise do poema, Walzer põe em foco a linguagem "proteiforme" da Serpente valeriana, expressa, formalmente, pela mobilidade das cesuras e dos cortes, pela variedade das rimas, cruzadas ou enlaçadas em diversas combinações, até reduzirem-se a apenas duas ou três nas estrofes XXI, XXIV e XXVI, quando se atinge o clímax obsessivo da sedução, e ainda por numerosos outros efeitos particulares, como a pontuação enfiática (84 pontos de exclamação; salvo cinco, todas as estrofes terminam por um sinal desse tipo) e as alterações sobrecarregadas, tendo como dominantes a sonoridade vocálica em *i* (nas rimas, sobretudo) e a

sonoridade consonantal em *s*, que marcam a "sibilância irônica da *Serpente*", às vezes dissimulada pelo jogo mais doce de outros amálgamas sonoros.

Pierre Guiraud, comparando o uso da rima entre os poetas Du Bellay, Ronsard, Racine, Lamartine, Musset, Vigny, Hugo, Verlaine e Valéry, demonstrou que, de todos, é Valéry o que apresenta o maior índice de rimas ricas, sobressaindo "Le Cimetière Marin" e "Ébauche d'un Serpent" como os poemas mais típicos dessa prática. Segundo Guiraud, há um certo número de poemas que parecem ter sido construídos sobre as rimas as mais ricas possíveis de cada série (ex.: *connaitre* — *non être*, em "Ébauche d'un Serpent"). "O *Esboço de uma Serpente*, em particular — afirma ele —, que parece um desses exercícios, tem o aspecto de verdadeiros *bouts-rimés*."⁶

Percorrendo sinuosamente as 31 décimas octosilábicas do poema, a fala da *Serpente* é toda ela uma sucessão de coleios verbais, mosqueados de rimas raras e de equívocos fônicos, onde se insinuam, numa mistura ambígua de discurso filosófico e de sonoridades concentradas, a derisão, a paródia, a caricatura, o jogo-sério. Sob o ângulo puramente formal, o virtuosismo das construções perfeitas se evidencia a partir da microestrutura: "No *Cemitério marinho*, recorde-me que formei ou coloquei *estrofes* como se faz com massas, cores ou átomos (em uma *molécula*)" — observa o poeta nos *Cahiers* (1940, XXIII, págs. 205-206), registrando

⁶ Pierre Guiraud, *Langage et Versification* D'Après L'Oeuvre de Paul Valéry, Librairie C. Klincksieck, Paris, 1953, págs. 116-124.

à margem: "o mesmo, na *Serpente*". De outro lado, ao nível semântico, um sarcasmo implacável. Em carta a Alain (4-1-1930), afirma que sua intenção, no que respeita ao "Esboço de uma *Serpente*", foi "um monólogo burlesco", e acrescenta: "Todo o trabalho muito difícil desse poema é baseado em *anudaças* de tom. Exagerei de propósito *assonâncias* e *alterações*."

Um "exagero" capaz de levar a inauditas orquestrações. A partir da primeira linha do poema ("Parmi l'arbre la brise berce"), que lembra as "ouvertures" do supremo artífice provençal, Arnaut Daniel ("En breu brisará lo temps braus"). Capaz de modelar até mesmo o silêncio em suas sutilezas sonoras ("Mille silences ciselés", ou, "Quel silence batru d'un cil"). Em meio aos ruídos dissonantes e aos esgares grotescos da paródia bíblica, em que se entrecrocavam o Ser e o Nada, adquire marcante expressão o episódio da Sedução de Eva (estrofes XIII a XXVII) — uma incursão no domínio da sensualidade, transferida para o campo verbal (sem esquecer que, para Freud, a serpente é o mais importante dos símbolos fállicos). Através de uma admirável fusão de *sons* e *sens*,⁷ o discurso sibilino dessa *Serpente* sensória — "reptile aux extases d'oiseau" (réptil com êxtases de ave) — segue inflexivelmente a sua presa, envolvendo-a

⁷ Cf. estas reflexões extraídas dos *Cahiers*: "Le poème, cette hésitation entre le son et les sens" (1912, I, 12, IV, 782). "La poésie n'est en vérité que le sensuel du langage" (1928-1929, AC, XII, 345). "Les sons du sens et les sens des sons agissent" (1933-1934, XVII, 21).

numa rede de sons aliciatórios, a que não falta o próprio espelhamento do nome de Eva ("ces évasives couleuvres", "l'oisive et l'Ève suave", "Qui jeta l'Ève en rêveries"), e criando uma atmosfera de tensão tão penetrante que chega a configurar a presença ou onipresença da serpente como "o aroma de um pensamento":

"J'étais présent comme une odeur,
Comme l'arôme d'une idée
Dont ne puisse être élucidée
L'insidieuse profondeur!"

Presente, ali, como um odor,
Como o aroma de um pensamento
Que não encontra um tradutor
Na profundez do seu intento!"

Sublinhe-se que "présent" pode ser lido como um anagrama, a assinalar, aqui, iconicamente, a presença difusa da serpente ("serpent") valeriana.

O tema da supremacia do Não-ser, que atinge o seu clímax na terceira e na última estrofes ("l'univers n'est qu'un défaut / Dans la pureté du Non-être" e "l'étrange / Toute-Puissance du Néant") é a moldura existencial do poema e tem funda ressonância no pensamento de Valéry, num arco de 30 anos. "Je me dis, avec mon Serpent, que l'être est un défaut dans la pureté du Non-être", dizia Valéry no penúltimo dos seus *Cahiers* — o n.º XXVIII, pág. 89, em 1944. Numa reflexão encontrada no Caderno H-12 (n.º IV, pág. 734), datado de 1912, ele já pensava assim: "Toute la création n'est

qu'un léger défaut dans la pureté du néant — une paille, une bulle, là. — J'aurai pu écrire: Tout l'Être, ou: l'Être et aussi —: n'est qu'une légère imperfection dans la transparence du néant."

O que nos permite organizar o seguinte quadro do percurso do pensamento de Valéry e suas variantes:

Cahier IV *Toute la création n'est qu'un léger défaut*
(1912) *dans la pureté du néant.*

ou

Tout l'Être > n'est qu'une légère imperfection
L'Être
dans la transparence du néant

Ébauche d'un *l'univers n'est qu'un défaut*
Serpent *Dans la pureté du Non-être.*
(1921)

Cahier XXVIII *l'être est un défaut*
(1944) *dans la pureté du Non-être.*

e sugerir mais de uma opção para a tradução dos dois últimos versos da terceira estrofe de "L'Ébauche d'un Serpent", observadas as exigências métricas do poema:

"Que l'univers n'est qu'un défaut
Dans la pureté du Non-être."

Que o < mundo > é apenas um defeito
Ser
Ante a pureza do Não-ser.

Que o < mundo > é apenas um defeito
Ser Na plenitude do Não-ser.

ou, como queria Valéry, “na transparência do Não-ser”.

“Viver parece-me um erro metafísico da matéria, um descuido da inação.” — assim o diria, também, num fragmento de 12-6-1930, Fernando Pessoa, designando-o para as páginas dispersas do *Livro do Desassossego*, do seu heterônimo Bernardo Soares, “espectador irônico de si mesmo”.⁸

Em sua primeira versão, publicada na NRF, “Ébauche d'un Serpent” não continha a última estrofe. Valéry preferira concluir o poema na estrofe anterior com a imagem — para ele obsedante — da serpente que morde a própria cauda:

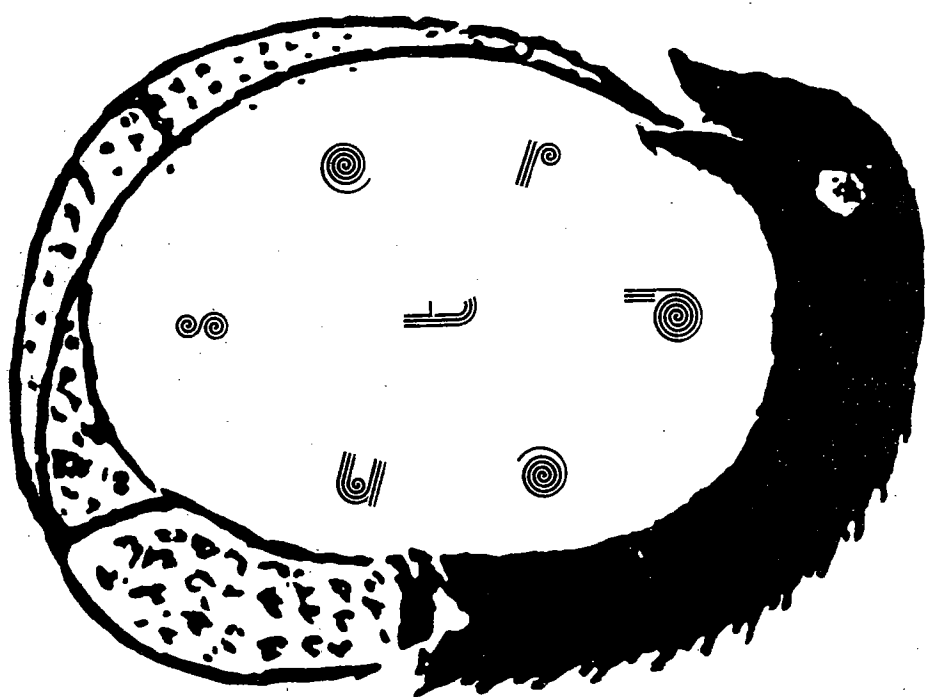
*Tu peux repousser l'infini
Qui n'est fait que de ta croissance,
Et de la tombe jusqu'au nid
Te sentir toute Connaissance!
Mais ce vieil amateur d'échecs
Dans l'or oisif des soleils secs,
Sur ton brancage vient se tordre,
Et parmi l'éternellement
De sa queue éternellement
Éternellement le bout mordre...*

⁸ Fernando Pessoa — Livro do Desassossego, por Bernardo Soares. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Fragmento 156. Vol. I, pág. 174. Lisboa, Editora Ática, 1982.

Podes refugar o infinito,
Que é feito só do teu crescer,
E da tumba até o ninho aflito
Te sentires toda Saber!
Mas o amador de frutos pecos
No ouro ocioso dos sóis secos,
Em teu tronco se vem torcer,
E entre a cintilação trememente
De sua cauda eternamente
Eternamente o fim morder...

Na versão definitiva, as três linhas finais desta estrofe foram substituídas por outras. Mas, mesmo cancelada, a imagem circular da serpente-pensamento não deixa de estar presente. Pois o poeta volverá, na estrofe acrescida, ao tema da terceira estrofe, repensado em fórmula inversa: antes, o universo (o Ser), defeito do Não-ser; agora, o Nada, estranhamente todo-poderoso, exalado até o nível do Ser. Uma forma de pensar circuloviciosa, um *serpensamento*, a que não estão alheios os universos tautológicos de Mallarmé e de Joyce, do lance de dados ao riocorrente, que retorna a si mesmo, por um cómodo Vicus de recirculação... PEN(T)SER.

chouchou d'un



Ébauche d'un serpent

A Henri Ghéon

Parmi l'arbre, la brise berce
La vipère que je vêtis;
Un sourire, que la dent perce
Et qu'elle éclaire d'appétits,
Sur le Jardin se risque et rôde,
Et mon triangle d'émeraude
Tire sa langue à double fil...
Bête je suis, mais bête aigüe,
De qui le venin quoique vil
Laisse loin la sage ciguë!

26

Esboço de uma serpente

A Henri Ghéon

Entre a árvore, a brisa brinca
Com a víbora que me veste;
Um sorriso, que o dente trinca
E o apetite apresta ao teste,
Sobre o Jardim arisca a cauda,
E meu triângulo esmeralda
Mostra a língua de duplo fio...
Cobra serei, mas cobra arguta,
Cujos venenos, ainda que vil,
Deixa longe a douta cicuta!

27

Suave est ce temps de plaisance!
 Tremblez, mortels! Je suis bien fort
 Quand jamais à ma suffisance,
 Je bâille à briser le ressort!
 La splendeur de l'azur aiguise
 Cette guivre qui me déguise
 D'animale simplicité;
 Venez à moi, race étourdie!
 Je suis debout et dégourdie,
 Pareille à la nécessité!

Soleil, soleil!... Faute éclatante!
 Toi qui masques la mort, Soleil,
 Sous l'azur et l'or d'une tente
 Où les fleurs tiennent leur conseil;
 Par d'impénétrables délices,
 Toi, le plus fier de mes complices,
 Et de mes pièges le plus haut,
 Tu gardes les cœurs de connaître
 Que l'univers n'est qu'un défaut
 Dans la pureté du Non-être!

Suave é o tempo complacente!
 Tremei, mortais! Fico mais forte
 Se, nunca suficientemente,
 Bocejo até beirar a morte!
 O esplendor do azul aguça
 Esta hidra que me encapuçá -
 De uma animal simplicidade.
 Vinde a mim, ó raça inexpert!
 Estou de pé e já desperta,
 Semelhante à necessidade!

Sol, sol!... Ilusório arquiteto!
 Tu, Sol, que mascaras a morte,
 Sob o azul e o ouro de um teto
 Onde as flores têm sua corte;
 No arco-íris das tuas cores,
 Tu, traidor dos traidores,
 Dos meus laços o mais perfeito,
 Poupas a pena de saber
 Que o mundo é apenas um defeito
 Ante a pureza do Não-ser!

Grand Soleil, qui sonnes l'éveil
 A l'être, et de feux l'accompagnes,
 Toi qui l'enfermes d'un sommeil
 Trompeusement peint de campagnes,
 Fauteur des fantômes joyeux
 Qui rendent sujette des yeux
 La présence obscure de l'âme,
 Toujours le mensonge m'a plu
 Que tu répands sur l'absolu,
 O roi des ombres fait de flamme!

Verse-moi ta brute chaleur,
 Où vient ma paresse glacée
 Rêvasser de quelque malheur
 Selon ma nature enlacée...
 Ce lieu charmant qui vit la chair
 Choir et se joindre m'est très cher!
 Ma fureur, ici, se fait mûre;
 Je la conseille et la recuis,
 Je m'écoute, et dans mes circuits,
 Ma méditation murmure...

Grande Sol, tu que a luz descerras
 Ao ser, de fogos o iluminas,
 Tu, que no sono ameno o encerras,
 À falsa tinta das campinas
 Fautor de fantasmas fugazes
 Que prendem aos olhos falazes
 A presença obscura da alma,
 A mentira é minha parceira,
 Que espalhas pela terra inteira,
 Rei das sombras, feito de flama!

Versa em mim teu fogo fictício,
 Onde o meu tédio regelado
 Elucubra algum malefício
 Segundo o meu ser enlaçado...
 Esta área em que a carne clara-
 Mente caiu me é muito cara!
 Minha fúria, aqui, está madura;
 Afago e afogo os seus intuitos;
 Eu me escuto e nos meus circuitos
 Minha meditação murmura...

O Vanité! Cause Première!
Celui qui règne dans les Cieux,
D'une voix qui fut la lumière
Ouvrit l'univers spacieux.
Comme las de son pur spectacle,
Dieu lui-même a rompu l'obstacle
De sa parfaite éternité;
Il se fit Celui qui dissipe
En conséquences, son Principe,
En étoiles, son Unité.

Cieux, son erreur! Temps, sa ruine!
Et l'abîme animal, béant!...
Quelle chute dans l'origine
Étincelle au lieu de néant!...
Mais, le premier mot de son Verbe,
MOI!... Des astres le plus superbe
Qu'ait parlés le fou créateur,
Je suis!... Je serai!... J'illumine
La diminution divine
De tous les feux du Séducteur!

Ô Vaidade! Causa Inicial!
Esse que reina sobre os Céus,
Com a voz que foi o fanal,
Abriu o universo. E foi Deus,
Cansado de seu espetáculo,
Ele mesmo rompendo o obstáculo
De sua perfeita eternidade,
Que fez, dissipador de ciências,
Do seu Princípio, conseqüências,
E estrelas, de sua Unidade.

Os Céus, seu erro! O Tempo, ruína!
E o abismo animal, aberto!...
A queda, quando se origina,
É fálscia, depois deserto!...
Mas a voz maior do seu Verbo,
EU!... Dos astros o mais soberbo
Que alçou o louco criador,
Eu sou!... Eu serei!... ilumina
A diminuição divina
Com os fogos do Sedutor!

Objet radieux de ma haine,
Vous que j'aimais éperdument,
Vous qui dîtes de la géhenne
Donner l'empire à cet amant,
Regardez-vous dans ma ténèbre!
Devant votre image funèbre,
Orgueil de mon sombre miroir,
Si profond fut votre malaise
Que votre souffle sur la glaise
Fut un soupir de désespoir!

En vain, Vous avez, dans la fange, *✓*
Pêtri de faciles enfants,
Qui de Vos actes triomphants
Tout le jour Vous fissent louange!
Sitôt pétris, sitôt soufflés,
Maître Serpent les a sifflés,
Les beaux enfants que Vous créâtes!
Holà! dit-il, nouveaux venus!
Vous êtes des hommes tout nus,
O bêtes blanches et béates!

*Quelques
pauvres*

Radioso objeto desta pena,
Vós que eu odeio em meu amor,
Vós que quisestes do geena
Dar o império ao vosso amador,
Olhai-vos nestas trevas tristes!
No velho espelho em que vos vistes
Foi tal a aflição de ver o
Reflexo vão do vosso eu,
Que o vosso sopro se perdeu
Num suspiro de desespero!

Em vão procurastes no lodo
Modelar os fáceis infantes
Que aos Vossos atos triunfantes
Tegam loas o dia todo.
Assim que Vós soprais-lhes vida,
Mestre Serpente já revida
Às pobres almas recém-natas!
Olá — diz ele, sem demora —,
Sois todos homens nus agora,
Ô bestas brancas e beatas!

A la ressemblance exécrée,
Vous fûtes faits, et je vous bais!
Comme je bais le Nom qui crée
Tant de prodiges imparfaits!
Je suis Celui qui modifie,
Je retouche au cœur qui s'y fie,
D'un doigt sûr et mystérieux!...
Nous changerons ces molles œuvres,
Et ces évasives couleurs
En des reptiles furieux!

Mon Innombrable Intelligence
Touche dans l'âme des humains
Un instrument de ma vengeance
Qui fut assemblé de tes mains!
Et ta Paternité voilée,
Quoique, dans sa chambre étoilée,
Elle n'accueille que l'encens,
Toutefois l'excès de mes charmes
Pourra de lointaines alarmes
Troubler ses desseins tout-puissants!

À semelhança fostes feitos
Execrável e eu vos odeio!
Como odeio o Nome que veio
Criar tais seres imperfeitos!
Mas eu sou Aquele que muda,
Retoco a alma a quem acuda,
Com dedos certos, misteriosos!...
Mudemos essas moles obras,
E destas evasivas cobras
Façamos répteis furiosos!

Minha Infinita Inteligência
Toca na alma dos mortais
Um instrumento sem clemência,
Obra das artes paternas!
E à tua proteção velada,
Ainda que a câmara estrelada
Não acolha mais do que incenso,
Talvez o excesso de meus charmes
Possa em seus remotos alarmes
Turvar esse poder imenso!

*Je vais, je viens, je glisse, plonge,
Je disparaiss dans un cœur pur!
Fut-il jamais de sein si dur
Qu'on n'y puisse loger un songe?
Qui que tu sois, ne suis-je point
Cette complaisance qui poind
Dans ton âme, lorsqu'elle s'aime?
Je suis au fond de sa faveur
Cette inimitable saveur
Que tu ne trouves qu'à toi-même!*

*Ève, jadis, je la surpris,
Parmi ses premières pensées,
La lèvre entr'ouverte aux esprits
Qui naissaient des roses bercées.
Cette parfaite m'apparut,
Son flanc vaste et d'or parcouru
Ne craignant le soleil ni l'homme;
Tout offerte aux regards de l'air,
L'âme encore stupide, et comme
Interdite au seuil de la chair.*

*Eu vou, eu venho, eu recomponho
E afundo num coração puro!
Haverá um peito tão duro
Que não queira alojar um sonho?
Quem quer que sejas, não sou essa
Complacência que se processa
Em tua alma, quando se ama?
Eu sou no fundo a seu favor
Esse inimitável sabor
Que em ti mesmo tem sua chama!*

*Eva, eu a vi, perdida um dia
Entre os primeiros pensamentos,
O lábio entreaberto aos ventos
Ante uma rosa que floria.
Esta perfeita me aparece,
Seu flanco vasto onde o ouro tece,
Toda oferta ao olhar do ar,
De sol e homem descuidada,
A alma inciente, no limiar
Da carne e dela limitada.*

O *masse de beatitude*,
Tu es si belle, juste prix
De la toute sollicitude
Des bons et des meilleurs esprits!
Pour qu'à tes lèvres ils soient pris
Il leur suffit que tu soupires!
Les plus purs s'y penchent les pires
Les plus durs sont les plus meurtris...
Jusques à moi, tu m'attendris,
De qui relèvent les vampires!

Oui! de mon poste de feuillage
Reptile aux extases d'oiseau,
Cependant que mon babillage
Tissait de ruses le réseau,
Je te buvais, ô belle sourde!
Calme, claire, de charmes lourde,
Je dominais furtivement,
L'œil dans l'or ardent de ta laine,
Ta nuque énigmatique et pleine
Des secrets de ton mouvement!

Ô *massa de beatitude*,
Ês tão bela, a palma das palmas,
Para a toda solicitude
Das boas, das melhores almas!
Basta que os lábios teus suspirem
Para que por ti expirem
Os mais puros, que já se atiram,
E os mais duros, que te admiram...
Eu mesmo aspiro aos teus suspiros,
Eu, a quem temem os vampiros!

Sim! Do meu posto de folhagem,
Réptil com êxtases de ave,
Antes que a bífida linguagem
Tecesse os fios da fala suave,
Eu te bebia, ô surda imagem!
Calma, cheia de encantamentos,
Eu regia aqueles momentos,
O olho no ouro ardente da coma,
Na nuca enigmática — soma
Dos teus secretos movimentos.

J'étais présent comme une odeur,
Comme l'arome d'une idée
Dont ne puisse être élucidée
L'insidieuse profondeur!
Et je t'inquiétais, candeur,
O chair mollement décidée,
Sans que je t'eusse intimidée,
A chanceler dans la splendeur!
Bientôt, je t'aurai, je parie,
Déjà ta nuance variée!

(La superbe simplicité
Demande d'immenses égards!
Sa transparence de regards,
Sottise, orgueil, félicité,
Gardent bien la belle cité!
Sachons lui créer des hasards,
Et par ce plus rare des arts,
Soit le cœur pur sollicité;
C'est là mon fort, c'est là mon fin,
A moi les moyens de ma fin!)

Presente, ali, como um odor,
Como o aroma de um pensamento
Que não encontra um tradutor
Na profundez do seu intento!
Eu já te inquietava, ô candura,
O carne molemente acesa,
Sem suspeiars que eras presa,
A hesitar de beleza pura!
Logo verás minha magia.
Tua nuance já varia!

(A soberba simplicidade
Nos demanda imensos cuidados!
A limpidez dos predicados,
Da tolice à felicidade,
Guarda bem a bela cidade!
Mister é lançar novos dados.
Que ao toque da mais rara arte
O coração se entregue, enfim;
Este o meu forte, a minha parte,
A mim os meios do meu fim!)

Or, d'une éblouissante bave,
Filons les systèmes légers
Où l'oisive et l'Ève suave
S'engage en de vagues dangers!
Que sous une charge de soie
Tremble la peau de cette proie
Accoutumée au seul azur!...
Mais de gaze point de subtile,
Ni de fil invisible et sûr,
Plus qu'une trame de mon style!

Dore, langue! dore-lui les
Plus doux des dits que tu connaises!
Allusions, fables, fineses,
Mille silences ciselés,
Use de tout ce qui lui nuise:
Rien qui ne flatte et ne l'induisse
A se perdre dans mes desseins,
Docile à ces pentes qui rendent
Aux profondeurs des bleus bassins
Les nuisseaux qui des cieus descendent!

Então, da baba que embriaga
Fiemos um sistema leve
Que suave o ócio de Eva leve
Aos vãos da aventura vaga!
Que sob a rede de tal seda
A pele dessa presa ceda
Como se sob o azul mais puro!...
Mas de uma gaze qual nenhuma,
Nem fio tão fino e tão seguro
Quanto uma trama desta pluma!

Doura, língua, doura-lhe ao mel
Dos doces ditos que emolduras!
Fábulas, falas, florituras,
Mil silêncios sob o cinzel,
Usa de tudo o que a seduzas:
Só o que a adule e que a conduza
A sucumbir às minhas metas,
Submissa aos abismos que atraem
Ao azul das águas secretas
Os rios que dos céus descuem!

O quelle prose non pareille;
 Que d'esprit n'ai-je pas jeté
 Dans le dédale duveté
 De cette merveilleuse oreille!
 Là, pensais-je, rien de perdu;
 Tout profite au cœur suspendu!
 Sur triomphe! si ma parole,
 De l'âme obsédant le trésor,
 Comme une abeille une corolle
 Ne quitte plus l'oreille d'or!

"Rien, lui soufflais-je, n'est moins sûr
 Que la parole divine, Ève!
 Une science vive crève
 L'énormité de ce fruit mûr!
 N'écoute l'Être vieil et pur
 Qui maudit la morsure brève!
 Que si ta bouche fait un rêve,
 Cette soif qui songe à la sève,
 Ce délice à demi futur,
 C'est l'éternité fondante, Ève!"

Ah, que palrar sem paralelo:
 Quanto verbo foi destilado
 Pelo dédalo delicado
 Desse evertido ouvido belo!
 Ali, nada se perde — penso —,
 Tudo soma ao senso em suspenso!
 Ô Proeza! se a minha prosa,
 Da alma obsedante o tesouro,
 Como uma abelha numa rosa,
 Não abandona a orelha de ouro!

"Nada — eu sopro — é menos seguro
 Que a palavra divina, Eva!
 Uma ciência viva ceva —
 Esse enorme fruto maduro!
 Não ouças o Ser velho e puro
 Que maldiz a mordida breve!
 Pois se teu lábio enfim se atreve,
 A sede que à seiva o leva,
 Esse prazer quase futuro,
 É a eternidade que sorve, Eva!"

Elle buvait mes petits mots
 Qui bâtissaient une œuvre étrange;
 Son oeil, parfois, perdait un ange
 Pour revenir à mes rameaux.
 Le plus rusé des animaux
 Qui te raille d'être si dure,
 O perfide et grosse de maux,
 N'est qu'une voix dans la verdure!
 — Mais sérieuse l'Ève était
 Qui sous la branche l'écoutait!

*
 "Âme, disais-je, doux séjour
 De toute extase prohibée,
 Sens-tu la sinuose amour
 Que j'ai du Père dérobée?
 Je l'ai, cette essence du Ciel,
 A des fins plus douces que miel
 Délicatement ordonnée...
 Prends de ce fruit... Dresse ton bras!
 Pour cueillir ce que tu voudras
 Ta belle main te fut donnée!"

as
 Ela já bebe a minha fala
 Que erigiu uma estranha obra;
 Seu olho às vezes perde a ala
 De um anjo e volta à minha dobra.
 Este mau animal que cobra
 A dureza que te sustenta,
 Ah, o péfido que te tenta
 É só uma voz por entre o verde!
 — Mas Eva a ouve toda atenta
 E nenhuma palavra perde!

"Alma — eu dizia — fino olor
 Do êxtase que te é vedado, —
 Sentes o sinuoso amor
 Que eu tenho ao nosso Pai roubado?
 Essa pura essência do Céu
 A fins mais doces do que o mel
 Delicadamente é votada...
 Toma esse fruto... Ergue o teu brago!
 Para colher dele um pedaço
 Tua bela mão te foi doada!"

*Quel silence battu d'un cil!
Mais quel souffle sous le sein sombre
Que mordait l'Arbre de son ombre!
L'autre brillait comme un pistil!
— Siffle, siffle! me chantait-il!
Et je sentais frémir le nombre,
Tout le long de mon fouet subtil,
De ces replis dont je m'encombre:
Ils roulaient depuis le béril
De ma crête, jusqu'au péril!*

*Génie! O longue impatience!
A la fin, les temps sont venus,
Qu'un pas vers la neuve Science
Va donc jaillir de ces pieds nus!
Le marbre aspire, l'or se cambre!
Ces blondes bases d'ombre et d'ambre
Tremblent au bord du mouvement!...
Elle chancelle, la grande urne!
D'où va fuir le consentement
De l'apparente taciturne.*

*Que silêncio ao bater de um cílio!
Mas que sopra à sombra de um seio
Mordendo a árvore, no enleio!
O outro brilhava, ali, pistilo!
— *Sopra! sopra!* eu me ouvia ouvi-lo.
Ao som sutil do meu cílio,
Eu sentia o doce suplício
Dos coleios do meu estilo:
Rolavam segundo o berilo
Da minha crista — ó ofídio ofício!*

*O Gênio! Ô longa impaciência!
Enfim, é chegado o instante:
Um passo para a nova Ciência
Vai partir do pé hesitante!
O mármore arfa, o ouro sogobra
Em sombra e âmbar, a áurea obra
Já treme ao rés do movimento!...
Ela vacila, a grande urna!
De onde flui o consentimento
De uma aparente taciturna.*

*Du plaisir que tu te proposes
Cède, cher corps, cède aux appâts!
Que ta soif de métamorphoses
Autour de l'Arbre du Trépas
Engendre une chaîne de poses!
Viens sans venir! forme des pas
Vaguement comme lourds de roses...
Danse, cher corps... Ne pense pas!
Ici les délices sont causes
Suffisantes au cours de choses!...*

*O follement que je m'offrais
Cette infertile jouissance:
Voir le long pur d'un dos si frais
Frémir la désobéissance!...
Déjà délirant son essence
De sagesse et d'illusions,
Tout l'Arbre de la Connaissance
Échevelé de visions,
Agitait son grand corps qui plonge
Au soleil, et suce le songe!*

*Do prazer em que já te esvais,
Cede, corpo, às ávidas vozes!
E que as tuas metamorfoses
Em torno da Árvore dos Ais
Tegam um ritual de poses!
Ven sem ver! Em passos sem pausa
Ousa os pés que entre rosas pousas!
Dança, corpo... Não penses mais!
Aqui, só o gozo é a causa
Suficiente ao curso das cousas!...*

*Ah, loucamente eu me ofertei
Este infértil e estranho gozo:
O puro de um dorso formoso
Ver fremir descumprindo a lei!...
Já desvendando a sua essência
De sapiência e de ilusões,
A Árvore toda da Ciência,
Descabelada de visões,
Agitava os galhos medonhos
Que sob o sol sugam os sonhos!*

*Arbre, grand Arbre, Ombre des Cieux,
Irresistible Arbre des arbres,
Qui dans les faiblesses des marbres,
Poursuis des suc délicieux,
Toi qui pousSES tels labyrinthes
Par qui les ténèbres étreintes
S'iront perdre dans le sabbir
De l'éternelle matinée,
Douce perte, arôme ou zépbir,
Ou colombe prédestinée,*

*O Chanteur, ô secret buveur
Des plus profondes pierres,
Berceau du reptile rêveur
Qui jeta l'Ève en rêveries,
Grand Être agité de savoir,
Qui toujours, comme pour mieux voir,
Grandis à l'appel de ta cime,
Toi qui dans l'or très pur promeus
Tes bras durs, tes rameaux fumeux,
D'autre part, creusant vers l'abîme,*

*Árvore, ó Árvore dos vícios,
Impávida Árvore das árvores,
Que no oco íntimo dos mármores
Buscas os sucos sub-reptícios,
Tu que lanças tais labirintos
Por onde os negros extintos
Vão se perder no azul sáfira
De uma sempre nova alvorada,
Doce perda, aérea mentira,
Ou pomba ao ar predestinada,*

*Ô Cantora, oculta cultora
Da mais profunda pedraria,
Bergo da serpe sonhadora
Que o devaneio a Eva envia,
Grande Set, raiz do saber,
Que sempre, para melhor ver,
Cresces à voz da tua fronde,
Tu que no puro ouro derramas
Braços duros, fumosas ramas,
Cavando o abismo que se esconde,*

*Tu peux repousser l'infini
Qui n'est fait que de ta croissance,
Et de la tombe jusqu'au nid
Te sentir toute Connaissance!
Mais ce vieil amateur d'échecs,
Dans l'or oisif des soleils secs,
Sur ton branchage vient se tordre;
Ses yeux font frémir ton trésor.
Il en cherra des fruits de mort,
De désespoir et de désordre!*

*Beau serpent, bercé dans le bleu,
Je siffle, avec délicatesse,
Offrant à la gloire de Dieu
Le triomphe de ma tristesse...
Il me suffit que dans les airs,
L'immense espoir de fruits amers
Affole les fils de la fange...
— Cette soif qui te fit géant,
Jusqu'à l'Être exalte l'étrange
Toute-Puissance du Néant!*

*Podes refugar o infinito,
Que é feito só do teu crescer,
E da tumba até o ninho aflito
Te sentires toda Saber!
Mas o amador de frutos pecos,
No ouro ocioso dos sóis secos,
Em teu tronco se vem torcer,
De olhos fixos no teu tesouro.
Frutos de morte hão de nascer
Do desespero e do desdouro!*

*Cobra-prima, à sombra dos céus,
Sibilo com delicadeza
E oferto à glória do bom Deus
O triunfo desta tristeza...
Basta-me crer que no ar escuro
O amargo fruto do futuro
Assombra a raça condenada...
— A sede que te fez tamanha,
Até ao Ser exalta a estranha
Onipotência que é o Nada!*